

O FUTEBOL SOB A ÓTICA DE UM ENSAÍSTA

Gisele Dall'Agnol Musse¹
Riqueldi Straub Lise²
Natasha Santos³
André Mendes Capraro⁴

RESENHA

“Veneno remédio: o futebol e o Brasil”, de José Miguel Wisnik [São Paulo: Companhia das Letras, 2008]

RESUMO

O texto apresenta de forma sucinta a obra resenhada. Nesse livro, o autor pretende elaborar uma reflexão acerca do futebol brasileiro, sobretudo enquanto elemento histórico-cultural. Aborda a questão do fenômeno futebol e a singularidade que tal modalidade adquiriu no Brasil: analisa a gênese e a evolução dos jogos com bola, a história das Copas do Mundo e a trajetória da seleção brasileira, e as influências na formação e consolidação da identidade nacional. Wisnik apresenta ainda uma discussão sobre as ideias dos teóricos Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, que tratam de questões pertinentes ao futebol brasileiro.

Palavras-chave: Futebol; Cultura brasileira; Literatura.

1 Graduada em Turismo (UFPR). Contato: giselemusse@yahoo.com.br.

2 Mestrando em Educação Física (UFPR). Contato: ricklise@ig.com.br.

3 Mestre em História (UFPR). Contato: nata.shas@ig.com.br.

4 Doutor em História (UFPR). Contato: andrecapraro@onda.com.br.

"[...] o futebol inglês, o soccer, pela singularidade da sua formulação, abre-se, mais do que os demais esportes, a uma margem narrativa que admite o épico, o dramático, o trágico, o lírico, o cômico, o paródico" (Wisnik, 1998, p. 19).

José Miguel Wisnik, professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo (USP), também ensaísta, músico e compositor, intenta, por meio desta produção acadêmica/literária, uma reflexão acerca do futebol brasileiro, analisando-o não apenas enquanto prática, mas, sobretudo, como elemento histórico-cultural. Amparado por um refinado referencial teórico – trafegando por disciplinas como Filosofia, Sociologia, Literatura, Crítica de Arte e História –, cita regularmente autores clássicos, como Norbert Elias, Eric Hobsbawm, Antonio Candido, Vilém Flusser, Pier Paolo Pasolini, Gilberto Freyre, entre outros não menos importantes.

O autor nos convida, assim, a compreender o fenômeno futebol de uma maneira inédita, aplicando procedimentos interdisciplinares a esse esporte, tendo como eixo norteador a crítica de arte, com o sentido de revelar a singularidade que tal modalidade adquiriu no Brasil. Para tanto, optou por dividir a obra em três capítulos.

No primeiro capítulo, A quadratura do circo: a invenção do futebol, Wisnik se propõe a analisar a gênese e a evolução dos jogos com bola. No caso do futebol, retoma historicamente tal prática, outrora ritualizada (Levi Strauss) como o *soule* (não entendido aqui como um esporte), até a sua esportivização, ocorrida na Inglaterra por meio do estabelecimento e uniformização das regras (adoção de árbitros), controle da violência com sentido de civilidade, e da busca pelo prazer (emoções) em tais

práticas. O autor evidencia ainda alguns elementos que diferenciam o futebol de outros esportes com bola. Como exemplo, refere-se ao futebol ser uma modalidade praticada com os pés, exceto pelo goleiro, o que proporciona à bola uma dinâmica singular quanto à força e direção. Soma-se a isso o fato de ser jogado em terrenos gramados nem sempre muito regulares, estando sujeito a intempéries, como chuva e vento. Essa soma de "imperfeições" confere ao futebol um caráter único de imprevisibilidade de resultados, no qual a melhor equipe nem sempre é a vencedora. Em contrapartida, em outros esportes com bola, tais como basquete, vôlei e handebol, por serem praticados em superfícies regulares e cobertas (quadradas) e ainda se constituírem em esportes em que a bola é dominada com as mãos, a precisão e a previsibilidade de resultados são eminentes: a melhor equipe tende a vencer. Ainda nesse capítulo, o autor discute sobre a evolução de cada elemento que compõe o jogo: a bola, antes de "capotão" relacionada a uma natureza agrária, agora tecnológica e mercurial; os gramados, cada vez mais uniformes; a atuação dos goleiros, antigamente restrita a pequena área; juízes e técnicos, que de despercebidos, ganharam status de "estrelas".

No próximo capítulo, A elipse: o futebol brasileiro, tomando como elemento principal a história das Copas do Mundo – desde a primeira, disputada no Uruguai no ano de 1930, até a edição de 2006, sediada pela Alemanha –, Wisnik analisa a trajetória da seleção brasileira, personagens centrais, fatos importantes e, principalmente, suas influências na formação e consolidação da identidade nacional. No entanto, duas passagens desse capítulo merecem destaque. A primeira delas trata-se da questão dos

Mundiais de 1950 e 1958. Disputada no Brasil, a Copa de 1950 terminou melancolicamente com a derrota da seleção brasileira no estádio do Maracanã. Tal acontecimento rendeu ao povo brasileiro o estigma de “vira-latas”, termo preconizado por Nelson Rodrigues. Essa alcunha acentuava a representação de que o povo brasileiro era mestiço, incapaz de aceitar sua própria potência. Já em 1958, a conquista do torneio mundial redimiu o povo brasileiro desse complexo e ainda serviu de modelo para a teoria da integração racial no Brasil, fundamentada pelo sociólogo Gilberto Freyre. Já na segunda passagem que merece destaque, está a figura de Garrincha. A partir da descrição performática desse atleta, é possível notar algumas características que modificaram sensivelmente a forma de se jogar o futebol, desde a passagem do amadorismo elitista e segregário ao profissionalismo (que, conseqüentemente, permitiu que tal prática englobasse os praticantes negros e os menos favorecidos economicamente), até a atualidade, com o futebol espetacularizado (centralizado na lógica de mercado, envolvendo cifras na casa dos bilhões).

Por fim, no terceiro e último capítulo, Bola ao alto: interpretações do Brasil, Wisnik apresenta uma discussão sobre as ideias de três teóricos que tratam de questões pertinentes ao futebol brasileiro, sendo eles: Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Segundo o autor, esses três teóricos abordam a mesma temática (a formação sócio-cultural do brasileiro), porém com perspectivas distintas. Caio Prado Júnior, em seu livro “Formação do Brasil Contemporâneo”, enfatiza o sistema colonial brasileiro constituído como “uma sociedade voltada exclusivamente para a exploração econômica à longa distância”,

o que, em linhas gerais, ocasionou o atraso e a estagnação da sociedade brasileira, acarretando a impossibilidade de qualquer produção cultural original. Em contrapartida, na obra “Casa-grande & Senzala”, Gilberto Freyre referenda as diversas contribuições culturais possibilitadas por uma consentida permeabilidade entre a casa grande (o espaço das elites) e a senzala (espaço do grupo mais dominado socialmente, os escravos), e culmina com a ideia da civilização mestiça e original dos trópicos. Já em “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, percebe-se uma conjugação das duas teorias supracitadas, referindo-se a contradição entre as contribuições sócio-culturais e o imobilismo do negro no processo de colonização. Tais interpretações, alçadas ao campo futebolístico, poderiam sugerir ao brasileiro uma ambivalência entre um estilo versátil e irresponsável, ou original e ignorante.

Wisnik, ao partir da premissa de Pier Paolo Pasolini de que o futebol poderia ser interpretado por meio da literatura, ideia evidenciada em um artigo escrito logo após a Copa do Mundo de 1970 no qual o poeta e cineasta italiano descreve o futebol europeu como prosa, e o sul-americano (principalmente o brasileiro) em poesia, abre espaço para uma reflexão pautada no ortodoxismo acadêmico. Essa conceituação poesia/prosa, no entanto, é extremamente assemelhada a alguns conceitos presentes na antropologia cultural – Dionisíaco/Apolíneo – utilizados por Gilberto Freyre. Ao tentar explicar a malícia, a ginga e a imprevisibilidade do futebol brasileiro, Freyre remete o estilo rígido do jogo inglês à categoria apolínea. Já a forma gingada de jogar do brasileiro, à dionisíaca. A questão aqui presente é, se essa perspectiva de análise, notadamente

artística do esporte, contribuiria de fato para uma releitura dos diferentes estilos praticados entre europeus e sul-americanos, ou se essa abordagem serviria para enfatizar a mítica prosaica do surgimento no “velho continente” e a poética reinvenção do futebol pelos brasileiros.

Ressalta-se, no entanto, que o autor esgueira-se numa lacuna literária quanto à natureza desta obra. Segundo alguns autores, como Antonio Cândido, esse tipo de obra poderia ser definida como um “gênero

de fronteira”, pois, escapando do rigor acadêmico, ampliando a escala de análise e a delimitação espaço temporal, e fluindo por diferentes áreas do conhecimento, a obra de José Carlos Wisnik pode ser considerada um ensaio de cunho sociológico.

REFERÊNCIAS

Wisnik, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FOOTBALL THE PERSPECTIVE OF A ESSAYIST

ABSTRACT

The text presents briefly the reviewed work. In this book, the author intends to elaborate a reflection about the Brazilian soccer, mainly as cultural-historical element. Addresses the issue of soccer phenomenon and singularity that the sport acquired in Brazil: analyzes the genesis and evolution of ball games, history of World Cups and the trajectory of the Brazilian team, and influences in establishment and consolidation of national identity. Wisnik even presents a discussion about the ideas of theorists Caio Prado Junior, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, that deal with relevant issues about Brazilian soccer.

Keywords: Soccer; Brazilian culture; Literature.

Recebido em: setembro/2012
Aprovado em: novembro/2012